

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO

ALICE DA SILVA MEIS

VESTÍGIOS DE ALICE

CRICIÚMA-SC

2018

ALICE DA SILVA MEIS

VESTÍGIOS DE ALICE

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do
grau de bacharela no Curso de
Artes Visuais da Universidade
do Extremo Sul Catarinense,
UNESC.

Orientadora: Prof. Dra. Aurélia
Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA-SC

2018

ALICE DA SILVA MEIS

VESTÍGIOS DE ALICE

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado pela Banca Examinadora
para obtenção do grau de
Bacharela, no Curso de Artes
Visuais da Universidade do
Extremo Sul Catarinense, UNESC,
com Linha de Pesquisa em
Processos e Poéticas:
Linguagens.

Criciúma, 21 de junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Aurélio Regina de Souza Honorato - Doutora em
Ciências da Linguagem - (UNISUL)

Prof. Marcelo Feldhaus - Mestre em Educação - (UNESC)

Prof.^a Odete Angelina Calderan - Mestra em Artes Visuais -
(UFMS)

A única forma de chegar no impossível, é acreditar que é possível.

Lewis Carroll

Meus agradecimentos vão a todos que
fizeram, fazem e farão parte de
minhas memórias.

RESUMO

Essas doze cartas que fazem parte de uma pesquisa narrativa, e os cartões postais, que são enviados junto, fazem parte de uma pesquisa em/com arte. Durante esse percurso que iremos juntos construir trago alguns autores que assim como eu percebem a potencialidade e a importância da memória, e os desafios a ser refletidos sobre o vazio. Antes de realizar essa viagem que lhe convido a participar, surgiram muitos questionamentos, como: A memória por meio da arte pode estabelecer uma relação íntima com o espectador? Os artistas contemporâneos percebem a memória como parte do seu processo artístico? Como possibilidade de criação em arte? A memória enquanto produção artística pode partir de uma construção coletiva ou apenas individual? A memória e a arte podem juntas provocar reconhecimento e noções de pertencimento? Esses questionamentos não serão respondidos ao longo desse caminhar, pois este não se trata do objetivo dessa pesquisa/arte, mas garanto a você Alice, que surgirão muitas reflexões e experiências a partir dessas cartas, então convido-lhe a adentrar nas minhas cartas e em suas memórias.

Palavras-chave: Memória, arte contemporânea, lugar, vazio.

CAIXA DE POSTAIS

Postal n° 01 - Inventário para Terras (2014), Odete Calderan. Carta - Olhar, p. 5

Postal n° 02 e 03 - XII gotas (2018). Carta - Olhar, p. 5

Postal n° 04 - Janela azul (2010), Kelly Wendt. Carta - M.I.M, p. 3

Postal n° 05 e 06° - Memórias de Céus (2017). Carta - Memórias de Céus, p. 2

Postal n° 07 - Mapa aéreo da EM453 (2017). Carta - Lugares de(s)memórias, p. 2

Postal n°08 e 09 - Da memória e seus lapsos (2000), Lela Martorano. Carta - Lugares de(s)memórias, p. 3

Postal n° 10 - Cartas de areia (1999), José Rufino. Carta - Lugares de(s)memórias, p. 4

Postal n° 11 - Bienal do Vazio (2008). Carta - Vazio, p. 3

Postal n° 12 a n° 23 - Fenda (2017). Carta - Memórias Corpóreas, p. 1

Postal n° 24 - Coleção Silêncio Pitagórico: Ruínas, Teoremas e Terras (2007 a 2015), Didonet Thomaz. Carta - Flo(c)rescer, p. 1

Postal n° 25 - "Para sempre Alice" (2018). Carta - Flo(c)rescer, p. 2

Postal n° 26 - Entre vazios e memórias (2018). Carta - Flo(c)rescer, p. 2

Postal n° 27 - Receita de Alice (2018). Carta - Flo(c)rescer, p. 3

ALBUM DE FOTOS

- Fotos n° 01- O lado externo da casa, um dia foi a cozinha da Alice;
- Fotos n° 02- Um quarto que virou cozinha;
- Fotos n° 03- Um quarto que virou cozinha e um objeto diferente;
- Fotos n° 04- Olhando através da janela do porão;
- Fotos n° 05- Do chão;
- Fotos n° 06- No chão;
- Fotos n° 07- Área da vó *Alice*; onde as brincadeiras aconteciam, era um lugar de brincar e imaginar;
- Fotos n° 08- Uma das portas principais para se adentrar na casa;
- Fotos n° 09- O lado externo da casa;
- Fotos n° 10- Não entre proibido;
- Fotos n° 11- Resto;
- Fotos n° 12- Um quarto que já foi de Alice;
- Fotos n° 13- Entre quartos;
- Fotos n° 14- Estrelas em madeira;
- Fotos n° 15- Um quarto que já foi dos filhos de *Alice* e irmãos de Alice;
- Fotos n° 16- Banheiro de *Alice*, um autorretrato;
- Fotos n° 17- Banheiro de *Alice*;
- Fotos n° 18- Reflexo de uma luz;
- Fotos n° 19- Entre quartos, salas e porão;
- Fotos n° 20- Cozinha de *Alice*;
- Fotos n° 21- Mofar e (des)cobrir, casa de *Alice* já foi azul;
- Fotos n° 22- Descer;
- Fotos n° 23- Banheiro do porão, da Alice;
- Fotos n° 24- Sala do porão;
- Fotos n° 25- Banheiro do porão;
- Fotos n° 26- Banheiro/banheira do porão;

Fotos n° 27- Quarto que virou cozinha, do porão;

Fotos n° 28- Para sempre Alice;

Fotos n° 29- Subir;

Fotos n° 30- Um adeus?

GUIA DE LEITURA

Alice ou Alice Meis: Eu escritora;

Alice ou *Alice Meis*: Alice avó;

Alice: Você que se permite ler, se adentrando nessa viagem, nessa leitura; você leitor.

Desenho ou *desenhar*: Utilizo como metáfora para referir-me a minha pesquisa.

EM453: Abreviação do endereço do lugar de memória, casa de *Alice*;

NºP: Número de páginas, se refere à quantidade de páginas que cada carta possui.

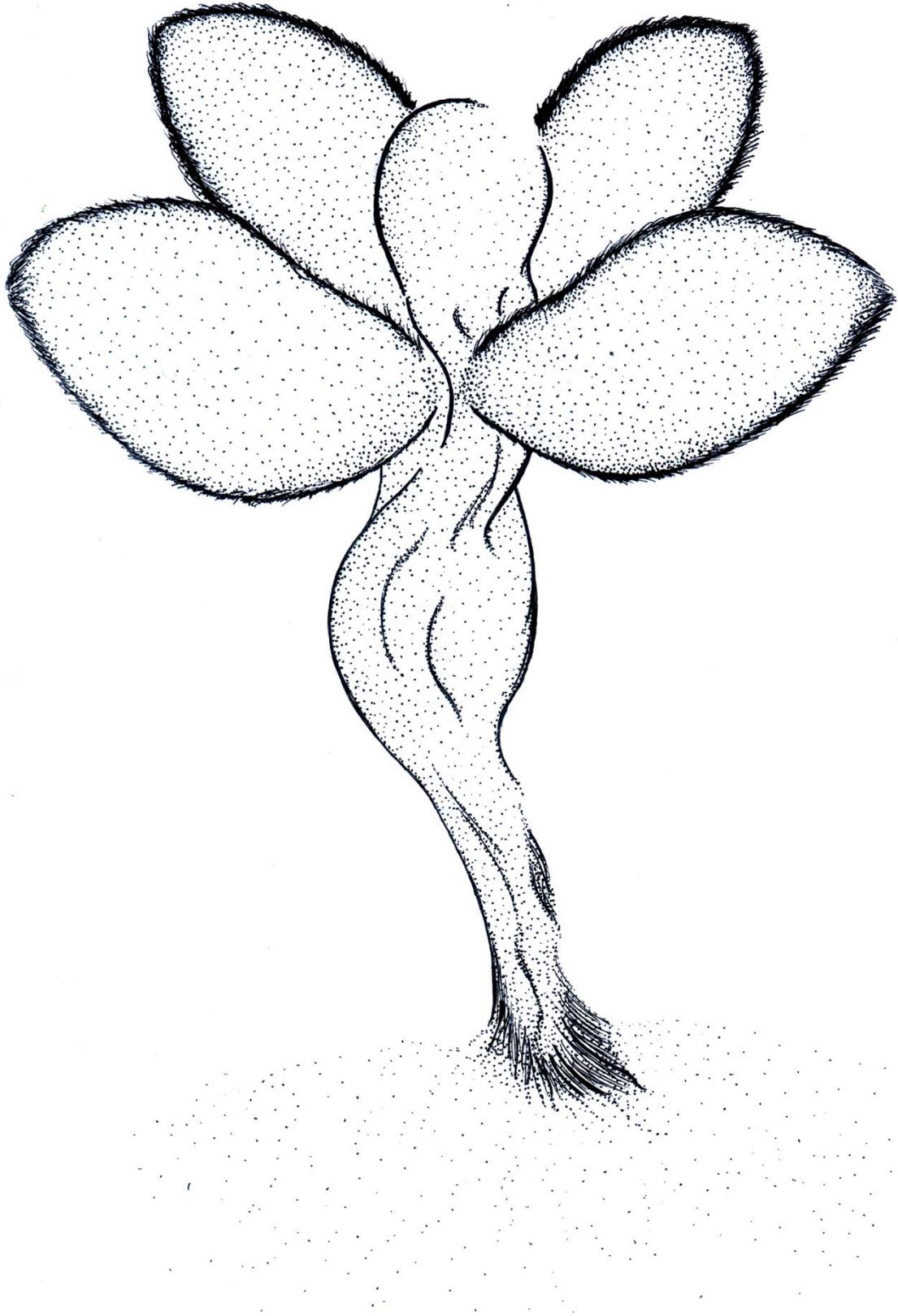
UNESC: Universidade do Extremo Sul Catarinense.

MAPA PARA A VIAGEM

A chave para essa leitura está no percurso escolhido por cada observador e no modo como colocará a sua imaginação à disposição da sensibilidade. (ZAVADIL, 2016, p.5)

| | | Nº P |
|-------|-----------------------|------|
| Carta | Ad(entrar) | 06 |
| Carta | Olhar | 06 |
| Carta | M.I.M | 04 |
| Carta | Memórias de Céus | 04 |
| Carta | Questionar | 02 |
| Carta | Linha e ponto | 02 |
| Carta | Lugares de(s)memórias | 05 |
| Carta | Vazio | 04 |
| Carta | () | 01 |
| Carta | Memórias Corpóreas | 03 |
| Carta | Devaneios | 02 |
| Carta | Flo(c)rescer | 04 |
| Carta | Começo | 02 |

Carta: Ad(entrar)



Precisamos nos ad(entrar)

Olhar para dentro

Sentir

Refletir

Criar raízes

Cara **Alice**, te escrevo hoje por conta da inquietação que me abate no momento de pensar minha produção artística e minha pesquisa em arte. Não sei se sabes, mas estou finalizando o curso de graduação em Artes Visuais - Bacharelado. Às vezes nem eu mesma acredito que já se passaram tantos anos. E neste percurso venho pensando muito em você que faz parte de mim, parte de quem eu sou. Quando escrevo lá na epígrafe que "precisamos nos ad(entrar)" é porque reconheço que depois de enraizados os pensamentos, permitir que cresçam e floresçam é movimento de pesquisa. Pesquisar para fora, e pesquisar para dentro de nós são ações delicadas e podemos dizer que até complexas. A pesquisa provoca, desacomoda, balança e sacode. E é assim que estou me sentindo: sacudida! Acredito que deva ser assim mesmo né? Afinal uma pesquisa que não mexe com o pesquisador, se torna mais uma em meio a tantas outras, fico feliz pela minha não ser assim, ela traz o vazio como conceito, mas para mim ela não é vazia, acredito que para você também não seja. Ao pensar na e em pesquisa não se tem como impedir certos sentimentos, e o medo do caminho que por si só a pesquisa pode tomar. A pesquisa vem dialogar e comunicar não só sobre a temática e conceitos que a envolvem, mas sobre a pessoa que a trilha. Nesse caso, sobre nós! Minha pesquisa comunica e compartilha *um eu em mim!* *um eu "você e/ou as memórias"*, que faz parte de *mim*, que está *em mim*, em minha pesquisa. Esta pesquisa não se desenvolve linearmente como muitas, mas se inicia por um começo, pelo meu interior, pelas minhas memórias.

No emaranhado disperso da vida cotidiana, afinal, procuramos o eu através do outro, rastreamos nossas histórias e abrimos nossos diários íntimos na tentativa de nos oferecer verdadeiramente para o mundo. É essa troca genuína de memórias e de sentidos que buscam os artistas contemporâneos. (CANTON, 2009a, p.35).

E é neste espaço de memória e de vida que você está de muitas formas. Vou-lhe apresentar as minhas investigações, que serão compartilhadas com mais detalhes ao longo da escrita de muitas cartas, que partem de um conjunto de memórias pessoais (eu Alice), memórias coletivas (*Alice Meis*, eu Alice e você **Alice**), e um emaranhado de sentimentos, experiências e vivências que possuem grande potência em todo o meu processo artístico e pessoal, mesmo que eu nem sempre tivesse essa percepção. Não sei se alguma vez pensaste nisso! Neste percurso de entrelaçamentos, busco estabelecer relações, para além das de sangue, entre a *Alice* avó, a *Alice* neta e você **Alice**. Espero que se sinta feliz com essa minha escolha. Talvez até venha te questionar sobre como pode-se escrever pesquisa científica em formato de cartas? Bom, aqui na universidade estudamos diferentes formas de pesquisa em arte e percebi que esta que escolhi tem maior proximidade com o que quero dizer e mostrar, objetivando e possibilitando ampliar o espaço da arte na academia. Inclusive existem diferentes teóricos que estudam essas metodologias diversificadas. Uma delas é a pesquisa narrativa ou bibliográfico-narrativa.

Uma das características que a distingue é seu 'pluralismo metodológico', isto é, a rejeição de qualquer reivindicação de um método universal e excludente de produção de conhecimentos, e o reconhecimento de uma multiplicidade de formas de construir saber e compreensões científicas. Portanto, pode-se identificar no campo da pesquisa biográfico-narrativa uma variedade importante de

estratégias metodológicas e um uso criativo e heterodoxo dos recursos de investigação. (SUAREZ, 2017, p.10)

A pesquisa narrativa vem possibilitar um olhar ampliado para a pesquisa, compartilhando múltiplas formas de produção de conhecimento, pesquisa narrativa considera as cartas como material de análises que compreendem estudos autobiográficos, escritas de si e produção do conhecimento pela experiência. Ao bordar dessa escrita, trago-a em formato de carta, na qual é um meio de comunicação muito utilizado há tempos atrás, muito antes do meu nascimento. Com a vinda da tecnologia as cartas foram substituídas por outras formas de comunicação, uma das principais fora os e-mails e mensagens via celulares. A carta escrita à mão demorava a ser feita e posteriormente demorava a chegar ao destinatário, quando chegava! Sempre se possuía a incerteza se a carta chegaria ao seu destino. Com a invenção das máquinas de escrever, a escrita das cartas se tornou mais fácil. Escolho escrever cartas porque as considero pessoais, íntimas, especiais. Cartas me movem a dizer, a pensar, a sentir. Vou lhe relatar um episódio que aconteceu comigo para tentar dizer como as cartas me impulsionam. Estava eu em uma manhã triste, sentada na praça do Z, bloco da universidade em que estudo, e uma moça com os cabelos crespos, altura mediana olhou para mim. Ela parecia estar perdida. Perguntei-lhe se queria ajuda, ela disse que não e continuamos a nos olhar, aquele olhar que reconhecia o outro, olhar puro. Ofereci-lhe meu café preto e bem doce do jeito que gosto, e o meu clube social pela metade, ela aceitou e sentou ao meu lado, nunca havíamos nos visto, mas parecia que nos conhecíamos há anos. Conversamos um pouco e então ela seguiu seu caminho com seus passos calmos e sua alma tranquilizadora em direção à lanchonete. Eu guardei somente aquele momento e seu nome, nunca mais a vi. Em

outro dia estava eu na mesma praça, mais alegre, me esquentando sob o sol e com o copo de café vazio, ela apareceu e nem se importou com a ausência do café. Conversamos e em um determinado momento o silêncio nos tomou, aquela pausa falava muito sobre como eu estava me sentindo ultimamente, e então ela me olhou séria e me perguntou: para onde você está indo? Eu a olhei e respondi que não sabia, e realmente não sei, continuei dizendo a ela que eu achava isso bom, pois ter um destino muitas vezes nos limita, nos acomoda, e é a viagem que deve ser apreciada. Esta história, esta memória, me mostra que estas cartas que lhe escrevo não possuem um destino, mas sim um caminho, uma viagem. Não sei se elas vão lhe alcançar, ou se serão leituras que se perderão (ou se acharão) no percurso. O que espero é que possam alcançar quem as procura.

As histórias de vida, os relatos de si, as (auto) biografias, as narrativas de formação, as memórias, os testemunhos, os diários, sempre estiveram presentes nos dispositivos de pesquisa como fontes primárias legítimas da indagação e até mesmo como recurso discursivo válido para contabilizar os resultados de conhecimento (SUAREZ, 2017, p.9).

Vou me abrir a você, vou abrir o que aqui chamarei de diário, mas você pode chamar como preferir, como mala, gaveta, armário, ou mesmo o coração se assim lhe agradar. Abrindo-me então, vou me apresentar: eu sou a Alice, sou filha, irmã, amiga, sei que sou neta, e neta dela, de uma das referências desta escrita, a *Alice Meis*, onde em sua casa fui recebida logo após sair da maternidade. Sim! Ao sair do hospital São José, lá em sua casa foi o meu primeiro lugar de referência, foi lá que comecei a sentir o meu entorno, o ar tocar em meu corpo, os cheiros, os sons e ruídos, dizem até que tinha um quarto onde a *Alice* arrumou em tons claros para me receber. Naquele momento eu não

entendia as coisas, e se você estivesse em meu lugar, também não entenderia, mas eu as sentia. E hoje as entendo? Talvez sim, talvez não, mas com grande certeza, eu as sinto. Após este primeiro encontro com ela, minha vó paterna, nos afastamos e com quase dois anos de idade retornei ou ela retornou para minha vida. Ela é a *Alice Meis* e eu sou a Alice Meis e tu és **Alice**. Nossas memórias se cruzam e descruzam por diversos caminhos que hoje apenas uma de nós a trilha, mas não sozinha. Partindo das minhas memórias afetivas com a *Alice Meis* e também do lugar em que vivi por quatorze anos ao seu lado, lugar onde ela viveu e morreu, comecei a me debruçar sobre tantas memórias, tantas lembranças e vivências que me questiono sobre o atual estado desse lugar, sobre o vazio em que ele se encontra. Tu se lembras deste lugar? Desta casa? Quantas aventuras vivemos lá, não é mesmo! A saudade envolve meu coração e me despeço de ti **Alice**, pedindo para que nossas memórias resistam, “[...] como diria Jorge Luis Borges, “para além do nosso esquecimento” (MACIEL, 2009, p. 71)”. Agradeço o seu tempo dedicado à leitura dessas minhas palavras, acredito que já começamos a criar raízes, e que elas vão se fortificando ao longo das próximas cartas que lhe enviarei, para então florescer.

Orleans, inverno de 1923

Carta: Olhar

Olhar

Observar

Cara **Alice**, hoje a chuva tomou conta do silêncio, os dias assim, frios e chuvosos me fazem "ir", ir para longe, viajar! Claro que não fisicamente, como eu também desejara. Adoro dias assim, onde posso movimentar-me em um ir e vir de pensamentos, lembranças e experiências. "Refletir acerca do olhar é mostrar que não há imagem, mas uma experiência afim com o corpo e os vínculos [...]" (HERNÁNDEZ, 2017, p. 191). Compartilhei com você as palavras "olhar" e "observar" porque foi nesse movimento entre elas que comecei a refletir sobre as minhas produções artísticas, aquelas realizadas em ateliês da universidade em que estudo e aquelas feitas em meu quarto/ateliê. E nesse pensar, pensar e pensar, as coloquei dispostas em uma superfície, isto é, minha própria cama, e comecei a observar depois de anos as minhas produções. Na minha cabeça comecei a fazer mapas mentais sobre as possíveis ligações e relações entre elas. Notei que ao olhá-las, revivi cada momento ali registrado e compartilhado, e só então, nesse processo de questionar, observar e adentrar é que percebi que o que me movia e me move, o que me instigava a pesquisar é a memória, a memória que para mim está diretamente ligada ao sensível. "A memória, condição básica de nossa humanidade, tornou-se uma das grandes molduras da produção artística contemporânea [...]" (CANTON, 2009b, p.21). Assim como outros artistas contemporâneos, através de um olhar minucioso comecei a perceber as potencialidades que está temática carrega, como os conceitos de ausência, presença e vazio que em minhas

produções artísticas se apresentam. Hoje, me dou conta do quanto estes conceitos dialogam, pensam e compartilham (com) memórias. **Alice**, o que são as memórias para você? Para mim minhas memórias são assim, como para muitas pessoas, a ponte entre o hoje e o ontem, mas não se trata meramente disto, na verdade vai muito além de qualquer escrita que eu venha-lhe trazer. Não é a ponte, não é a memória e sim o caminhar sobre ela que nos faz com que consigamos, em todos os instantes de nossas vidas, relembrar dos momentos que vivemos e que tivemos experiência. É esse processo de caminhada, de aprender e apreender que nós podemos cultivar para que não se acabe, pois acredito que nossas vidas devem ser uma constante caminhada, um percurso sem fim, sempre em busca por conhecimento e por *um eu em mim*.

Eis porque a maior parte de nossa memória está fora de nós, numa pancada de chuva, num cheiro de quarto fechado ou no cheiro de uma primeira labareda, em toda parte onde encontramos de nós mesmos aquilo que a nossa inteligência desdenhara, por não lhe achar utilidade, a última reserva do passado, a melhor, aquela que, quando todas as nossas lágrimas parecem estancadas, ainda sabe fazer-nos chorar. Fora de nós? Em nós, para melhor dizer, mas oculta de nossos próprios olhares, num esquecimento mais ou menos prolongado. Graças tão-somente a esse olvido é que podemos, de tempos em tempos, reencontrar o ser que fomos, colocarmo-nos perante as coisas como estava aquele ser, sofrer de novo porque não mais somos nós, mas ele, e porque ele amava o que nos era agora indiferente (PROUST, 1981, p. 172).

O que seriam as memórias? Por mais que a memória para alguns esteja associada à palavra museu e logo a algo físico, um objeto antigo, ou como dizem coisa "velha". "Algumas pessoas ainda se referem a museu como um lugar onde se guardam velharias não mais úteis, mas um grande passo já foi dado na intenção de estreitar a relação [...]" (MEDEIROS, 2014, p.15-16). A memória extrapola essas noções, um tanto quanto clichês. Ela pode estar em tudo,

como a chuva desta tarde em que lhe escrevo no início desta carta. A chuva que, ao ouvir o seu som tocando a telha de minha casa, faz-me lembrar das vezes em que eu desejava que não tivesse trovoadas, somente a chuva, para que assim pudéssemos juntas nela brincar. Ah, **Alice**, como era bom quando brincávamos na chuva. Lembra? Pois tenho aqui algo a compartilhar, talvez você fique surpresa, mas antes venho contar-lhe de onde surgiu a minha inspiração. Você já ouviu falar sobre inventário? Acredito que não. Posso tentar explicar a você, então lá vai: inventário é um jeito que as pessoas encontraram de arquivar ou catalogar algo ou algum objeto que tenha um grande significado pessoal ou coletivo. Procurei no dicionário para lhe explicar melhor, segundo Ferreira (2008) Inventário trata-se da relação de bens deixados por alguém que se foi, morreu. Mas será que os inventários precisam ser herança, memórias de alguém que já partiu? Recordo-me de algo que me diz o contrário. Você já ouviu falar em *Inventário para Terras*? O nome pode parecer incomum, mas não se assuste, pois trata-se de uma produção artística de uma professora/artista, Odete Calderan (1964). A artista nasceu em Sananduva/RS e possui uma relação íntima com a terra, nesta produção *Inventário para Terras* (2014) sua proposição parte do individual para um coletivo, possibilitando o envolvimento das pessoas para com sua produção.

Em *Inventários para Terras*, a terra contidas nos pequenos vidros são enviados para Calderan de diversas partes do Brasil junto com uma fotografia de onde foi retirada. Esses vidros formam um grande inventário e um livro-caixa, em que as terras e as fotografias são os testemunhos de ação. (ZAVADIL, 2016, p. 27).¹

¹ Catálogo da exposição Paisagem (In)certa, de 2016 em Montevideu – Uruguai, com Curadoria de Ana Zavadil.

A produção de Calderan consiste em uma caixa-livro, contendo uma placa de cerâmica, um livro de fotografias dos lugares em que as terras foram coletadas e quinze vidrinhos com terras de diferentes lugares. Neste exemplo que lhe contei, o inventário surge a partir de memórias vivas, que se perpetuam pelo tempo e lugares, onde são compartilhadas com a artista, os trajetos, as heranças e as lembranças de lugares (terras) de memória. Acredito que neste momento você esteja curiosa para saber o que eu tenho produzido relacionado a essa temática e a relação que a artista que citei provoca em mim e em meu processo. Estou enganada? Bom, tudo começou numa manhã de dois mil e dezessete, na oficina de arte realizada em Nova Veneza/SC, na Musette Academia de Artes. A proposta dessa oficina era refletir sobre a cidade e os lugares de memória, oportunizando o realizar de produções artísticas a partir desses conceitos. Dentro do cronograma proposto pela oficina, continha um passeio pela cidade e alguns lugares por ela. Mas isso não ocorreu! Devido à intensa chuva que acabou "atrapalhando" os planos daquele dia, pois ficamos impedidos de transitar por Nova Veneza. Ao me deparar com essa situação e com toda aquela chuva, no primeiro momento pensei que retratar aquele céu chuvoso seria algo especial, olhei a água escorrendo sobre o muro daquela casa/ateliê e as manchas que se formavam naquele cenário e pensei que talvez produzir uma aquarela com a água da chuva de novembro teria um maior significado. Foi então que coletei a primeira água da chuva, Chuva de novembro. Desde então venho coletando chuvas de cada mês, não para fazer aquarelas, pois durante a caminhada percebi um outro sentido que aquelas pequenas gotículas de água e o ato de coletar trazia para mim. A água da chuva não era mais o meio, ou material para uma produção artística como na aquarela, e assim como essas cartas que lhe escrevo que não são materiais para chegar a

uma produção. Mas reconheço essas chuvas que venho coletando e inventariando desde aquele novembro e esses escritos que lhe faço como uma produção em arte. A chuva é uma "precipitação atmosférica formada de gotas de água" (FERREIRA, 2008, p.233), para mim trata-se de algo maior em seu significado. **Alice**, lembra das vezes em que você semeou e aguardou a chuva vir para molhar a terra para que ela pudesse dar frutos? Dizem que a chuva é símbolo de fertilidade e também de purificação. Nesse inventário que venho construindo, realizo a coleta utilizando pequenos vidros como suportes para armazenar essas gotículas de água de cada mês. A cada mês se torna mais desafiador o ato de coletar a chuva, alguns meses são chuvosos outros mais secos. O importante é que sei/sinto que em algum momento do mês vai chover e então o aguardo todos os dias o vir. É incrível como a natureza consegue ser perfeita em seus detalhes: a chuva vem, molha a terra e ela o devolve presenteando também com vida, assim como ela o recebeu. Falando em outra natureza, você sabia que a natureza da memória é imaterial? Por mais que a sua apresentação seja material, a memória possui como origem a imaterialidade, pois é algo extremamente pessoal, é o sentido que damos às coisas, às nossas lembranças.

As coisas, todas, são frágeis. Marx, referindo-se às ideologias e governos, assegurava que tudo que é sólido desmancha no ar. Enfim, nada é eterno, nada permanece, a não ser na memória dos homens. E essa memória tende a dissipar-se no decorrer das gerações, passando ao domínio da lenda. Isso aconteceu, por exemplo, com a biblioteca de Alexandria, cuja destruição lamentamos até hoje. Agora edificaram uma biblioteca moderna, no lugar da outra, da mítica - que mais vale por sua generosa homenagem e magnífica arquitetura. Isso, essas perdas, não devem acontecer pois, quando sucedem, é uma parte de nossa humanidade que vai embora (ASSIS, 2013, p. 15)

A não valorização da memória em suas múltiplas formas, provoca uma desmemória do indivíduo, do lugar, e da comunidade, causando inúmeras perdas como a ausência do reconhecimento e do pertencimento, e é também sobre essa ausência, esse vazio que por meio da arte, da minha produção artística que venho repensar. Aproveitei esse momento para compartilhar com você um pouco do meu trajeto, espero que tenha lhe agradado, aguardo você na próxima carta. Ah! Já ia me esquecendo, estou enviando-lhe dois cartões postais (nº 1, nº 2 e nº 3) das produções que compartilhei com você, minhas e da artista Odete Calderan, para que possas apreciar.

Criciúma, outono de 1970

Carta: M.I.M

Memória
Infância
Museu da Infância

Querida **Alice**! Você se recorda das perguntas que lhe fazia? Do meu olhar curioso, com sede em conhecer, saber as histórias dos objetos e das pessoas? Esse olhar não se esvaiu! Antes olhava por meio da lente do imaginário, e hoje também, a do sensível. Percebes isto? Que a temática da memória sempre me interessou desde minha infância? Você me acompanhou durante minha infância e adolescência, acompanhou meu crescimento, e nesse processo o interesse pela memória sempre se manifestava em mim, mesmo que, ao meu ver passasse despercebido. Em agosto de dois mil e quatorze, entrei no Curso de Artes Visuais - Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, e no mês seguinte recebi uma proposta que influenciou diretamente nesse pensar a memória, promovendo em mim, um amadurecimento e um crescimento ainda maior. Eu queria compartilhar essa notícia contigo, essa nova fase da minha vida, mas a distância entre nós me corroía aos poucos. **Alice** hoje compartilho com você que partir deste convite à experiência:

Conheci um lugar assim, repleto de memórias, com brinquedos que brinquei e outros que nunca imaginei. É só entrar nele e parar para observar que, de repente, pedacinhos de memória começam a borbulhar dando um brilho no olhar. Ele é um museu chamado de Museu da Infância e surgiu com o desejo e a necessidade de refletir e acrescentar mais conhecimento [...] (MEDEIROS, 2014, p.17).

Neste Museu, atuei como bolsista extensionista e tive contato direto com o acervo museológico - trabalhando a preservação, conservação e divulgação desse acervo;

montagens de exposições - envolvendo a temática memória e sua diversidade, histórica e étnica; mediações e oficinas culturais, e a participação como ministrante de oficinas, ouvinte, e comunicação oral, em seminários, cursos e congressos. Essas experiências a partir do contato com o Museu da Infância me possibilitou novos olhares para com as coisas, para com o mundo, além da oportunidade de conhecer mais sobre a memória e a sua importância. Questionei-me como pode algo ou alguém estar longe se isso ou esse alguém se encontra em nós mesmos? **Alice**, mais uma vez a memória cruzou o meu caminho, e então percebi que essa distância entre nós é apenas uma questão de perspectiva, já que você se faz presente aqui! A partir dessas experiências, percebi outras manifestações que a memória pode possuir, como a memória olfativa, memória sonora, memória do gosto, a memória que o corpo carrega, e não mais somente os objetos. Doce, suave, forte, delicado e entre outras palavras que utilizamos para tentarmos definir o sentir de um cheiro, perfume ou aroma. Sabe aquele sentir de um cheiro que já foi sentido, e que em um momento inesperado, cruza-nos novamente, você o reconhece e automaticamente, lembra-se de uma pessoa, algo ou um momento vivenciado? Já lhe aconteceu isso? Pois bem. "A memória vem, tornar-se acessível de diferentes formas" (ROUCHOU, 2009, p.117) e é a partir dessas diferentes formas que reconhecemos a memória como algo fundamental para as nossas vidas. Um cheiro, um som, um sabor, um lugar e um objeto, podem ser memórias, ou meios que despertam as memórias de um sujeito, onde os momentos vivenciados ganham força para então serem compartilhados. O Museu da Infância se tornou muito importante em minha caminhada, meu percurso, dialogou com minhas inquietações sobre a memória e provocou outras delas, que ao longo dessas cartas que envio a você se apresentam. Durante esses anos em que atuei no Museu,

pensei muito no nosso espaço de experiência e lugar de memória - que são minha pesquisa - a então nomeada por mim EM453, lugar que possui uma casa que foi construída no final da década de 60, começo de 70, onde eu cresci, onde você cresceu.

São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano. (JACQUES, 2009, p.132)

Reconheço esse lugar em que nós um dia habitamos, e que hoje habita memórias e o vazio, como potência para criar, reinventar, ressignificar em arte. A arte "[...] é constituída de conhecimento objetivo envolvendo a história da arte e da vida, para que com esse material seja possível estabelecer um grande número de relações" (CANTON, 2009a, p.13). A arte e a vida coexistem e se correlacionam entre si, e é a partir dessa sensibilidade que alguns artistas contemporâneos procuram transparecer essas relações em suas proposições artísticas. Uma artista que faz relação entre o corpo/memória, tempo e lugar é Kelly Wendt, que tornou a cidade onde vive, Pelotas/RS, em seu laboratório de pesquisa, seu ateliê. Lá ela busca ampliar seu trabalho artístico.

Em meio à trama urbana, Kelly realiza um inventário das casas abandonadas, casas cegas e mudas que outrora faziam parte da arquitetura da cidade. Hoje, nada mais são do que corpos em ruínas e, em silêncio, guardiãs de segredos e histórias dos que lá viveram (ZAVADIL, 2013, p. 94).

Estou enviando-lhe um cartões postais (nº 4) de uma das produções de Wendt, Janela azul, onde a artista busca captar os espaços e lugares da cidade e aproveito para comentar também da produção artística intitulada Mapatur, de 2010, onde Wendt realiza um mapeamento dos corpos abandonados em que visitou e fotografou, realizando uma

ligação entre esses espaços de memória. A artista vê as casas abandonadas:

Como corpos abandonados ao seu próprio destino, cegos e mudos, com suas portas e janelas lacradas por tijolos ou tapumes, configuram um cenário de estranhamento à cidade, despidos de sua verdadeira razão de ser: a casa-morada. A presença faz-se ausência (ZAVADIL, 2013, p. 94).

Assim como a artista, me coloquei a fotografar, acolhendo e colhendo, esse corpo abandonado, esse lugar de memória que é para nós a EM453. **Alice**, prometo-lhe compartilhar essa experiência, essa minha produção com você, mas deixarei para uma outra carta, não posso me estender. Preciso ir, pois às vezes o tempo corre contra o tempo, mas antes me arrisco a dizer que não precisamos dar voz a esses corpos abandonados, pois os mesmos falam, berram e a maioria das vezes suplicam por ajuda. Precisamos nos permitir ouvi-los, senti-los, e assim daremos vida a eles, a esses lugares de memória.

Criciúma, primavera, 1961

Carta: Memórias de Céus

Tons

(Pausa)

Memórias de Céus

Alice, hoje lhe escrevo para compartilhar uma memória que aborda outras memórias, memórias de céus. Com as mãos e os dedos sujos de tinta, tinta aquarela, naquele dia ensolarado de dois mil e dezessete, eu calmamente observava o surgimento de tons, os pigmentos que se relacionam uns com os outros e também com a água. Lembro-me desse relacionamento, era onde a magia acontecia! Em cada pincelada que eu conduzia, ganhava corpo e se tornava forma, e a imensidão de céus surgia. Tons claros ou mais escuros, juntos em suas inúmeras formas. Tons de um mesmo céu que outrora se fazia presente e outrora era um presente. Céus meu éus. Nesses céus "As nuvens estão sempre em movimento, juntando-se, dispersando-se, compondo-se e recompondo-se. Isso, entretanto, não se dá de maneira aleatória. Existem diferentes tipos de nuvem, cada uma com sua estrutura e característica" (HARRISON, 1996, p.154). Observar o céu, sua diversidade de formas e cores, e seus incríveis e possíveis tons.

Requer observação atenta e certo grau de perícia técnica, em parte por causa de sua infinita variedade, em parte porque não está sujeito às mesmas leis que governam a terra. Uma montanha, penhasco ou árvore mudará de aspecto de acordo com a iluminação, mas sua estrutura permanecerá estável, ao passo que as nuvens, aparentemente sólidas, mas, na verdade, constituídas de nada mais que ar e gotículas de água, estão em constante movimento, assumindo as mais variadas formas, que apenas parcialmente podem ser previstas e nunca se repetem. (HARRISON, 1996, p.150)

Essa observação que requer minuciosidade, já que as nuvens sempre se movimentam, mesmo que algumas vezes não são perceptíveis aos nossos olhos, essa ação fez-me lembrar

dos inúmeros momentos onde, quando criança, me colocava algumas vezes sozinha outras com você, com primos e amigos a me deitar no chão, na grama, ou na lajota na casa de *Alice Meis*, na EM453. Nesse lugar eu observava e imaginava as formas, os desenhos, as cores e os sabores daquele céu, sim sabores! Quem nunca olhou as nuvens e imaginou algo a partir de sua forma como um dinossauro ou um urso? Você viu? "Onde estava aquele leão? Transformou-se em elefante em alguns minutos. O vento e o tempo brincam com as formas, incessantemente, até que o olhar as encontra, perde e faz outras imagens" (CARDOSO, 2005, p. 79). Aquele momento eu permitia fluir à fantasia e a imaginação. Nesses relatos que compartilho com você por meio desta carta, lembro-me da artista Sandra Cinto, nascida em São Paulo, onde:

Seus desenhos, esculturas e objetos parecem ilustrações fluidas, escrituras que contam uma fábula imaginária, carimbam corpos e espaços arquitetônicos. Candelabros, luzes, linhas, árvores, camas, bibliotecas e quartos servem para demarcar memórias e diluir os limites entre as imagens reais, figurações rotineiras, e as imagens que habitam os sonhos, os contos de fadas. (CANTON, 2009a, p.29-30)

Sandra possui a memória e a infância como fontes de sua pesquisa, reconhecendo que o passado e o futuro estão interligados e que são importantes discussões em torno da memória. Minhas memórias de céus, de observá-los são de minha infância e assim como a artista as valorizo. A água, os céus, nuvens e mares se manifestam nas produções de Sandra, sendo ela uma das referências para a minha série *Memórias de Céus*, que lhe apresento nesses cartões postais (nº 5 e nº 6) que lhe envio. Debruçando-me no céu e dele me aprofundando em seu imenso azul, lembro-me dos dias de praia que se tornavam infinitos e da água batendo em meu corpo. Mar e céu se fundiam, eu me tornava parte daquele momento.

O céu, como este espaço, em que é possível devanear a distância. Durante um dia com fundo azul, ora o foco do olhar alterna-se para as figuras, as nuvens, ora para o azul, em sua mobilidade constante. O visor torna o infinito do céu em finito, ao apontar e recortar uma nuvem” (CARDOSO, 2005, p.80).

Compartilho com você **Alice** a artista Letícia Cardoso, que eu tive a oportunidade de conhecer e chamar de professora. Ela possui a produção intitulada Coleção de Nuvens, onde a artista fotografou nuvens durante os anos de 2003 à 2005, nuvens que possuem suas formas diferenciadas, como a do elefante, que compartilhei acima. A partir desses recortes de nuvens a artista construiu um álbum de figurinhas, onde as pessoas podiam adquirir e colar as nuvens conforme suas nomenclaturas. Você já teve um álbum de figurinhas? Aposto que sim, mesmo sendo de jogadores, da copa do mundo, de algum desenho animado ou banda. Acredito que todos já tiveram, eu já tive! Cardoso é uma grande referência para essa minha série, onde assim como a produção dela, as minhas também fazem parte de memórias. A partir de um olhar sensível para com o céu, da relação com a água e a aquarela, surgiu a produção intitulada Memórias de Céus, essa série foi realizada por meio de observações dos céus durante o ano de dois mil e dezessete, relembando os momentos de minha infância em que eu percebia o céu por outro ângulo, viajando por entre suas formas e cores. Neste ano que lhe escrevo veio para lhe contar que essa produção artística ganhou um espaço na exposição Brincadeira de Criança propiciada pelo Museu da Infância da UNESCO. Poder participar dessa coletiva de artistas/acadêmicos e compartilhar minhas memórias com você e com todos me emocionou demais! Revivi a Alice pequena, aquela que olhava o céu, que corria para vê-lo se mexer e ele sempre permanecia no mesmo lugar. Às vezes podia jurar que ele me observava mesmo que de longe, oras ele parecia triste, se

tornando em tons cinza, ora se encontrava feliz e permitia o sol junto a ele se apresentar. Mas boa parte das vezes eu o visitava e o azul tomava conta dele, sua cor natural. Cor esta que eu insisto em modificar em minhas aquarelas, que são tão parte de mim quanto das memórias em que vivenciei durante minha infância e adolescência em sua casa **Alice**, finalizo esta carta olhando para o céu encantador desta tarde, você já o observou hoje? Como não? Então a convido a se permitir observá-lo e senti-lo. Quando o sol vir a tocá-la, tocar o seu corpo, poderás sentir um infinito abraço de alguém que a espera, a Alice. Espero ansiosa pela próxima carta, onde você poderá compartilhar comigo como foi senti-lo, o céu.

Criciúma, inverno de 1996

Carta: Questionar

Questionar

Problematizar

Querida **Alice**, sinto necessidade de lhe escrever e de compartilhar com você algumas indagações que surgiram ao longo desse denso e complexo ato de pensar a memória, o vazio e o sensível na arte. Peço desculpas se estou um tanto séria e meio monótona nesta carta, mas preciso lhe mostrar o que venho pensando e me perguntando. A memória por meio da arte pode estabelecer uma relação íntima com o espectador? Os artistas contemporâneos percebem a memória como parte do seu processo artístico? Como possibilidade de criação em arte? A memória enquanto produção artística pode partir de uma construção coletiva ou apenas individual? A memória e a arte podem juntas provocar reconhecimento e noções de pertencimento? O que pensa sobre meus questionamentos, ou mesmo sobre a memória que tanto lhe trago? Pois penso eu, na memória como possibilidade não de apenas reviver momentos, mas a partir ou junto deles *viver*. Sabemos que os momentos de nossas vidas são efêmeros, mas sabemos também - assim espero - que as memórias são imanes. Toda pesquisa surge a partir de questionamentos, pois questionando é que criamos, e depois do surgimento desses questionamentos, vem a nós uma problemática, um problema, uma pergunta que queremos solucionar e responder, mesmo muitas vezes não tendo uma resposta. Esse problema que não necessariamente precisa ter uma resposta faz com que o pesquisador caminhe sobre um percurso, buscando por conhecimento, e sobre essa busca lhe apresento a minha problemática, o que me questiona e faz caminhar, o que me toma os pensamentos e meu corpo: *As minhas memórias:*

memórias individuais e coletivas podem ser reconhecidas como potencialidades para a criação em arte? Busco nessa pesquisa investigar minhas memórias individuais. Sabe o abrir-me ao outro? É isso que me proponho a fazer, não a trazer dados irrelevantes sobre minha pessoa, pois essas cartas não se tratam de uma autobiografia, mas me coloco a abrir-me compartilhando minhas memórias, a abrir-me para você, esse ato de me despir vai além de relatar memórias, pois aqui estamos revivendo e recriando constantemente. Aguardo-lhe em mais uma carta para que possamos juntas compartilhar e construir novas memórias por meio da arte.

Criciúma, primavera de 1998

Carta: Linha e ponto

Alice, hoje eu tive a oportunidade de ver um arco-íris e ao vê-lo lembrei de você, que sem dúvidas iria achá-lo lindo! Ele estava tímido, com receio de se mostrar a um outro alguém, eu me reconheci nele, pois é assim que me encontro, com receios e dificuldades, já que a chuva que passei estava muito forte e densa, e eu só deixei ir, não consegui dançar junto a ela! A chuva se foi, mas o céu ainda não se abriu por completo. É assim que me sinto, mas vou tentar me abrir novamente. Hoje lhe escrevo para contar sobre um *desenho* que nessa carta não possui uma forma, nem grafite, nem traços de borracha, pois se refere ao *desenho* da minha escrita. Meu *desenho* possui a linha de pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens (Concepções teóricas e processos de criação contemplando as linguagens artísticas. Arte, linguagens e contextos dos fenômenos visuais) do Curso de Artes Visuais Bacharelado da UNESC². Todo *desenho* ou melhor dizendo, toda escrita de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso precisa se inserir em uma linha e a minha é Processos e Poéticas: Linguagens, onde apresento como caminho o meu percurso e processo artístico. Como base da investigação desse processo eu trago a memória e suas possíveis relações na arte. Nesse caminhar dessa pesquisa, me coloquei a identificar: artistas contemporâneos que trabalham a memória e o vazio em suas produções, a partir de leituras bibliográficas em livros e artigos, a pesquisar minhas memórias analisando as relações com o meu processo artístico, visitando minhas produções artísticas, fotos e registros de família, e em minhas idas à EM453, lugar onde cresci e conheci você. Sabe qual metodologia venho utilizar

² Regulamento específico do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – do Curso de Artes Visuais Bacharelado. Disponível em:<http://www.unesc.net/portal/resources/official_documents/11228.pdf?1426017180> Acesso em 15 de maio de 2018.

para fazer este percurso de pesquisa? Não? É a pesquisa narrativa, que nestas cartas trás um olhar para a experiência de si, do eu/pesquisadora e para o percurso que se constrói no ato de compartilhar memórias vivas. Sendo assim a pesquisa narrativa aborda:

Diversas temporalidades, diferentes territorialidades, novos significados e histórias de vida outras são habilitados por esses textos que falam de outros textos, de outras imagens e de outros movimentos. Dão conta do impacto afetivo, emocional, ético e estético das vivências cotidianas nos mundos da vida, das artes e da educação, mostram suas interfaces, suas zonas de contato, seus deslizamentos, suas articulações, seus espaços e tempos vazios (SUÁREZ, 2017, p. 11-12).

Alice, através dessa metodologia que utilizo nesta pesquisa é possível estabelecer um diálogo com você/leitor, uma conversa que propõe refletir, pensar, compreender e compartilhar experiências de memórias por meio da arte. Como artista e pesquisadora e partindo do território onde vivi, busco como produção artística investigar memórias, minhas memórias e da *Alice Meis* ao longo desse *desenhar*, escrita essa que também é a minha produção artística. Despeço-me já quase com o amanhecer do dia e, confesso a você que essa foi a carta que mais tive dificuldade em lhe escrever, mas acredito que consegui lhe compartilhar um lindo arco-íris que se faz presente em meu *desenho*.

Içara, primavera de 2010

Carta: Lugares de(s)memórias

Querida! Como você está? Estava lendo sobre a memória, você sabia que "A partir do final dos anos 1970, intensificou-se a busca por raízes identitárias, grupos e nações, marcadas pela emergência dos discursos de memória" (TAVARES, 2013, p.26)? Nessa mesma época internacionalmente foi considerado o ano do patrimônio. Questionamentos sobre a memória e a preservação dela começam a ser levantadas, sobre a memória e seu poder, já que "[...] um museu, um arquivo ou um monumento interferirá, em maior ou menor medida, nos embates sociais pela instituição pública de determinado discurso de memória" (TAVARES, 2013, p.27). A partir desse poder que a memória possui e a forma como ela é colocada a um grupo, que refletimos que a memória não deve ser só preservada, ou reconhecida por ser aparentemente boa, vindas de "boas ações" como o caso de muitos memoriais e memórias de grandes cidades, que se formos pesquisar a fundo elas não poderiam ser consideradas como tais.

[...] mas sim, a partir do conhecimento da importância das memórias individuais e coletivas na formação das identidades, elaborar estratégias e metodologias que visem a produzir conhecimento e reflexão sobre o discurso memorialístico (TAVARES, 2013, p.27).

Que a memória venha ser sinônimo de liberdade e de reflexão. Falando de memória, quero compartilhar com você o meu lugar de memória, pois para ser pesquisador deve-se falar de um lugar, deve-se estar nele, não mais representá-lo, mas acompanhá-lo a partir de suas experiências. Comecei a me questionar de que lugar comunico esta pesquisa, percebi que para saber de onde comunico, tinha que entender quais as características fazem "aquilo" ou "isto" ser um lugar. Você sabe o que legitima algo como lugar? A

escritora Kátia Canton (2009) nos responde por meio das falas de Anthony Giddens, um sociólogo britânico, que diz: “[...] “lugar” se refere a uma noção específica do espaço: trata-se de um espaço particular, familiar, responsável pela construção de nossas raízes e nossas referências no mundo” (CANTON, 2009a, p. 15). **Alice**, a partir dessas reflexões sobre os conceitos que englobam a memória e o lugar, apresento-lhe o nosso e meu lugar de memória a EM453, onde esta pesquisa/eu inicia um caminhar. Envio-lhe um cartão postal (nº 07), do mapa aéreo desse lugar afetivo que ainda abriga uma casa de alvenaria, com mais de dez janelas e portas. Abriga o vazio, e a vegetação em seu entorno, que aos poucos tentam adentrar.

Da experiência simultânea do olhar, do gesto artístico e das casas fora do império do tempo, as quais deixaram de ser habitadas e perderam a materialidade em conjunturas, rumos e temporadas desiguais, destaca-se uma fruição de valores emergentes [...] (THOMAZ, 2014, p.88).

Há anos atrás abrigava uma família, a *Alice Meis*, Alice Meis e **Alice** faziam parte dos abrigados. Esse lugar foi onde nossas raízes, nossa forma de ver, agir e sentir foram construídos, e essa construção continua em seu eterno processo. **Alice** hoje o vazio tomou conta, e a presença dos risos, conversas até o alto da noite, das cores, flores, cheiros e sabores que daquele lugar emanavam, foi substituída pela ausência.

É impossível pensar o lugar (topos) separadamente do vazio: acabamos de ver que o vazio só se torna lugar se um corpo o ocupar. O lugar emerge do vazio como aquilo que repentinamente é ocupado por um corpo, mas esse mesmo lugar volta a ser vazio se esse corpo lhe for subtraído (CAUQUELIN, 2008, p. 37).

Ocupar esses lugares, permitindo-os ter vida própria, compartilhar e construir novas memórias é impedir que os lugares fixos sejam trocados por “[...] não lugares,

lugares de passagem, lugares virtuais, lugares que nos impõem outros tipos de troca" (CANTON, 2009a, p. 58). Com as novas configurações sociais e outros fatores, as percepções a cerca dos lugares, dos nossos lugares, lugares de pertencimento vão sendo substituídos por outros valores, por outros lugares, por não-lugares.

O chamado não-lugares caracteriza-se por não ser relacional, identitário e histórico. São espaços de ninguém, não geradores de identidade. Em oposição aos não-lugares está o espaço antropológico, necessariamente criador de identidade, fomentador de relações interpessoais; move-se num tempo e no espaço estritamente definidos, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa. É criador de identidade por trazer em si o lugar do nascimento, da intimidade do lar, das coisas que são nossas. Nos não-lugares se descortina um mundo provisório e efêmero, comprometido com o transitório e com a solidão, como uma nova configuração social, característica de uma época que se define pelo excesso de fatos, superabundância espacial e individualização das referências. (MAKOWIECKY, 2013, p.50)

Diferente dos não-lugares temos espaços que despertam noções de pertencimento, lugares geradores de identidade, lugares de memória, e para mim a EM453 é um desses espaços e acredito que para você também! Você sabia que alguns artistas contemporâneos vêm pesquisando a memória, os lugares de memória e os não-lugares? "A arte contemporânea, ao evocar a memória em suas possibilidades multifacetadas, propõe um "tempo fora do tempo", tal como faz Lela Martorano. O tempo da memória, afinal, não é apenas o tempo que passou, mas o tempo que nos pertence" (MAKOWIECKY, 2013, p.47). Você conhece a artista Lela Martorano? Ela é de Santa Catarina, nasceu em São Joaquim! Outro cartão postal (nº 08 e 09) que te envio é da série de Lela, *Da memória e seus lapsos*, onde pude notar a presença da memória e como a artista mesma relatou, o "resto da cidade", os espaços abandonados e lugares de memória.

Ao ser questionada em entrevista sobre a cidade como elemento importante no trabalho, no sentido de compor poética, de dizer algo que seja relevante, ela disse: Em meu trabalho, a cidade aparece como lugares vazios, silenciosos, destruídos pelo tempo e pelo esquecimento, ausência espacial e temporal, onde a presença humana é apenas sugerida (MAKOWIECKY, 2013, p.51)

Na série de Martorano realizada em 2000, a artista busca por meio da fotografia, gravar e registrar as lembranças, esquecimentos e memórias de lugares sem tempo. As fotografias em preto e branco são reveladas com pincel, sofrem manipulações, deformações e interferências da pintura.³ Essas interferências realizadas pela artista na fotografia, por meio da pintura, busca transpor as memórias e lembranças, deixando de ser apenas um registro fotográfico do que se vê, do real, e passa a ser uma lembrança, um armazenar de memórias.

Como os artistas lidam com a questão da memória? Nas artes, a evocação das memórias pessoais implica a construção de um lugar de resiliência, de demarcações de individualidade e impressões que se contrapõem a um panorama de comunicação à distância e de tecnologia virtual que tendem gradualmente a anular as noções de privacidade, ao mesmo tempo que dificultam trocas reais. (CANTON, 2009b, p. 21-22)

Abordar questões relacionadas à memória é um desafio para os artistas, quando cada vez mais as relações, as trocas reais, noções de pertencimento e identidade, vêm se tornando algo efêmero. "O fim da história seria a realidade de uma sociedade atemporal que perdeu sua memória, afirma o químico Llya Prigogine em suas "Cartas às futuras gerações", publicadas no Caderno Mais! da Folha de S. Paulo, em 30 de janeiro de 2000" (CANTON, 2009b, p.21). Lhe enviei também um cartão postal (nº 10) de uma das produções do artista que faz parte desse universo do signo, simbolismo e da memória, o paraibano José Rufino que "Desde

³ Disponível em: <<https://lelamartorano.com/obras/da-memoria-e-seus-lapsos/>> Acesso: 12 de março de 2018.

1990 [...] vem se revelando um exímio manipulador de símbolos, construindo uma obra capaz de expandir sua história pessoal em pequenos testemunhos universais de dor, solidão, amor e laços familiares” (CANTON, 2009b, p. 37). José Rufino é o nome do avô paterno do artista e foi adotado por ele como nome artístico, e nesse jogo de identidade, tempo, espaço e memórias, sua produção/vida se relacionam com a minha pesquisa/vida, com as minhas memórias e as suas também **Alice**. A série *Cartas de areia* de 1999, desse mesmo artista surgiu quando ele destrancou um baú de família, velho, mas cheio de história, dentro dele continha inúmeras cartas de 1920 a 1950 e todas direcionadas a José Rufino (avô), Rufino avô possuía um grande engenho que ficava próximo ao município de Areia, também em Paraíba onde o artista nasceu, e foi por meio desses símbolos que o artista criou a série.

Os envelopes, cujos endereçamentos foram recobertos por pinturas, tornaram-se palimpsestos, com seus rastros históricos, ora omitidos, ora apenas sugeridos por carimbos, números ou pedaços de palavras que insistem em aparecer por baixo dos traços de nanquim, dos contornos do lápis, das cores de aquarelas e têmperas. (CANTON, 2009b, p. 39)

José Rufino abriu o baú com as memórias, as suas memórias e as ressignificou por meio da arte, e então as compartilhou com o mundo, possibilitando um criar de novas memórias. **Alice**, você não acha incrível essa experiência do artista? Se parece muito com a nossa, quando a conheci imediatamente lembrei de nossa relação familiar e de nossas memórias. Mas deixamos essa conversa para uma outra carta, abraços de Alice para **Alice**.

Criciúma, inverno de 2012

Carta: Vazio

Alice o vazio cruzou o meu percurso e minha pesquisa. Não sei se lhe aconteceu isso, mas quando eu parei para pensar na força que a palavra "vazio" carrega sobre si, automaticamente me transbordei com mais perguntas. O vazio é um nada? O vazio é a ausência? Ausência de algo que já se fez presente em um determinado momento, lugar e espaço? O vazio é a ausência, e a presença dele mesmo? Quando refleti sobre o vazio, e sobre o porquê de sua existência ou não existência, sobre sua história antes de sua existência ou não existência, comecei a ampliar meus olhares para com as coisas. Entre dois corpos, seja ele corpo humano, corpo natureza ou corpo objeto, existe um vazio, o vazio traz a ideia de um lugar, espaço que necessariamente precisa ser ocupado. Como podes notar em outras cartas minhas, o dicionário tem o hábito de me acompanhar em minhas viagens, e hoje não é diferente. Sabe o que ele me disse sobre o vazio? O vazio se trata de algo que não contém nada, um vácuo, um vão, algo desabitado ou despovoado, um espaço não ocupado por coisa nenhuma. (FERREIRA, 2008). O lugar de minhas memórias, lugar desta minha pesquisa, EM453, se encontra em um profundo vazio, você não acha? A ausência de pessoas, das bagunças, festas que aconteciam lá, hoje já não se fazem mais presentes. "O Vazio atrai e nos faz reagir, evadindo-o ou intervindo nele" (ZELA, 2015, p. 253). O vazio nos convoca a ocupá-lo, ele está presente e inclusive nesse meu percurso, que por meio da arte venho apresentar e questionar. A arte como reflexo da sociedade vem procurando pensar e refletir dentre inúmeras temáticas e não temáticas, conceitos e não conceitos, e dentre eles o vazio se faz presente. Você sabia que o vazio vem sendo estudado em muitas áreas de

conhecimento como na filosofia, psicologia, religião e nas artes visuais? Na arte essas pesquisas vêm ganhando muita força, como designada por Mussoi, a "Arte do Vazio". Arte que vem abordar conceitos do vazio, em alguns casos, "não só desvincula-se da materialidade (como no conceitualismo), mas a exclui por completo (atitude esta que poderia facilmente ser vista como uma *antiarte* dadaísta)" (MUSSOI, 2017, p. 3167). O Dadaísmo, movimento conhecido como antiarte vem com o intuito de trazer um novo começo, um "nascer" para uma nova arte, que se caracteriza pela oposição de qualquer padrão estabelecido pela época, relacionados à arte ou não. Nega por muitas vezes a utilidade de um objeto e os atribuem novos valores, reduzindo os objetos ao vazio, a sua inutilidade. Posteriormente com a Arte Conceitual, o fazer artístico, o suporte e a produção, a sua materialidade, dão o lugar de importância, para o conceito que a mesma possui. "Assim consideramos uma arte como "do vazio" se ela ou (1) se designa como uma completa ausência de materialidade, ou (2) procura expressar o vazio como seu principal conteúdo" (MUSSOI, 2017, p. 3167). Você já se imaginou indo a uma apresentação musical, onde o silêncio, o vazio fosse à composição? Na proposta realizada por John Cage (1952), nomeada por 4'33", ocorreu isso, o compositor apresentou por quatro minutos e trinta e três segundos o silêncio. Você já teve a experiência de sentir o vazio de um ambiente? A convido para tentar ficar cinco minutos em absoluto silêncio, não poderá se mexer pois o corpo também produz som. Você conseguiu? Fiz essa experiência e foi extremamente agonizante, no primeiro minuto achei que conseguiria, mas depois de algum tempo, alguns sons que normalmente não são perceptíveis, começaram a serem reconhecidos, causando um certo incomodo. Percebi com essa experiência que nem o silêncio é silencioso, nem o vazio é

por completo vazio. "Por mais que o compositor John Cage tenha argumentado sobre o propósito de guiar os ouvidos do público para os sons e ruídos ao seu redor, é por meio da ausência de sons proposta por ele na partitura que tal objetivo poderia ser efetivado" (MUSSOI, 2017, p. 3170). Esta ação realizada pelo compositor fez com que as pessoas parassem e percebessem o seu entorno, não só físico, mas sonoro. Alice lhe trago também como exemplo o Yves Klein, sua arte possui três aspectos marcantes, o corpo, a cor e a imaterialidade, na exposição *Le Vide (La spécialisation de La sensibilité à l'état matière première em sensibilité picturale stabilisée, Le Vide)* que aconteceu na Iris Clert Gallery, em Paris (1958), o artista manteve a galeria fechada por semanas, onde pintou de azul as portas e janelas, entregou mais de três mil convites com a entrada gratuita, para a então exposição, e os demais convites as pessoas tinham que pagar por eles. No dia da exposição só entravam dez pessoas por vez e tinham apenas três minutos para apreciar, ao entrar na exposição se deparavam com apenas uma mesa pequena e uma vitrine vazia. Você consegue mentalizar essa cena? Imaginou a reação das pessoas daquela época ao se depararem com uma exposição "vazia"? Provavelmente foi de revolta, olhando para a atualidade esse vazio também se fez presente na exposição, na 28ª Bienal de São Paulo (2008) "Em vivo contato", onde os curadores Ivo Mesquita e Ana Paula Cohen pensaram o segundo andar do pavilhão da bienal, sem nenhuma escultura, pintura, instalação, vídeoarte, gravura, sem nenhuma produção artística, pensaram o andar todo vazio, hoje a mesma ficou conhecida como a Bienal do Vazio. Mesmo com o cenário totalmente vazio a proposição teve mais voz do que o aparentemente o espaço de silêncio que o vazio promoveu. Essas propostas que compartilhei com você, tanto a de Yves Klein, quando a da Bienal vem questionar o cenário da arte,

o papel da arte, as relações e a própria arte, a vida, vem questionar o vazio. Os artistas e proposições que citei em que trazem o vazio, são referências para a minha produção que venho desenvolvendo, é claro que a relação que possuo com o vazio é uma relação com a memória, com o lugar de memória em que hoje o vazio se apossou. Alice, estarei enviando como de costume um cartão postal (nº 11) onde contém uma foto da proposição da Bienal sobre o vazio e finalizo essa carta escrevendo-lhe que a sua ausência me deixa um enorme vazio.

Içara, verão de 2013

Carta: Memórias Corpóreas

Querida Alice, aqui já anoiteceu! Peguei-me pensando sobre os nossos corpos, o meu, o seu, e que eles, assim como nossa mente, possuem a capacidade de armazenar momentos, lembranças e memórias. Imaginei-me criança caindo no chão e ralando os joelhos, coisa que já aconteceu com quase todas as pessoas e se não aconteceu, te prepara, vai acontecer! Eu lhe confesso que comigo ainda acontece; comecei a olhar para o meu corpo e nesse ato de o-l-h-a-r percebi que as memórias estão ali, nas marcas e cicatrizes. Pensei também sobre minha prima de segundo grau, que não tem nem um ano de vida ainda, ela possui a mesma mancha na barriga e no mesmo lugar que eu, essas inquietações tomaram meu sono e percebi que "O corpo guarda as cicatrizes, as rugas e os trejeitos, códigos inconscientes que ficam para análise do pesquisador" (ROUCHOU, 2009, p.128). Essas marcas, manchas e ranhuras que possuímos fazem parte da nossa história, das nossas memórias por mais que se apresentem às vezes fora dos padrões que a sociedade qualifica como memória e por não ter se derivado de algo bom, e sim pela dor, mas ainda assim fazem parte das nossas memórias. Acredito que pensar no bom ou ruim, certo ou errado, negativo ou positivo não nos cabe nesses singelos pensamentos, mas refletir sobre a memória, não apenas como algo que desperta um momento de felicidade e euforia, é também refletir sobre a vida, e as experiências e ensinamentos que nos traz. Nos cartões postais (nº 12º a nº 23º) que lhe envio, mostro-lhe a minha série de gravuras intitulada *Fenda* que realizei no ano de dois mil e dezessete. Nela possui a memória de corpos mutilados, um corpo que é presente, mas que também é ausente em sua materialidade. Essas gravuras apresentam memórias presentes

em corpos, memórias que nesse caso não vêm de momentos alegres, mas que mesmo assim fazem parte desses indivíduos. “Os espaços vividos da cidade, as memórias urbanas, resistem, assim, nesses corpos moldados pela sua experiência, ou seja, resistem nas corpografias resultantes de sua experimentação” (JACQUES, 2009, p.136). As memórias corpóreas não se limitam ao corpo como bem pensado socialmente, corpo = corpo humano, mas pensa o corpo na sua multiplicidade, corpo/natureza, corpo/cidade, corpo/lugar, corpo/memória entre outras possibilidades.

O estudo corpográfico pode ser interessante tanto para se compreenderem as memórias corporais resultantes da experiência do espaço quanto para se apreenderem as memórias espaciais registradas no próprio corpo através das experiências urbanas. (JACQUES, 2009, p.131)

O que fiz hoje, que lhe comentei no início dessa carta, sobre me perceber, me olhar, acredito eu que faz parte desse estudo corpográfico. A memória extrapola as barreiras do material/objeto, “A memória não está nos suportes materiais convencionais: ela está no corpo. Está na própria forma de o sujeito trabalhar as questões do seu dia-a-dia.” (ROUCHOU, 2009, p.117-118). A memória está no corpo, e ambos possuem uma relação, constante e íntima. Compartilho com você uma fissura, fresta ou ranhura! Como comentei no início da carta sobre a memória, ela pode possuir inúmeras formas de manifestações, e o corpo é uma delas. O nosso corpo carrega memórias em sua própria pele e às vezes nossas memórias não são positivas, ou vem de algo positivo. É a primeira vez que escrevo sobre ela, vou deixar meus dedos digitarem ao som de meu coração. A série intitulada *Fenda* possui doze gravuras como podes ver, nela apresento impressões de corpos, e suas memórias. Fenda segundo o Dicionário Aurélio se refere a “**1.** Abertura numa superfície, ou um objeto fendido ou rachado. **2.** Qualquer

abertura estreita" (FERREIRA, 2008, p. 401). *Fenda* trás impressões de corpos rachados, abertos, mutilados, corpos cortados não só pelo tempo, mas pela vida. Certa vez em um site de significados, que no momento não me recordo qual, encontrei o significado para fenda ligado a uma passagem ou abertura para que a claridade pudesse entrar. Comecei a refletir sobre, já que muitas vezes quem se auto-machuca, pensa realmente que é uma abertura para a dor sair e o alívio, ou claridade entrar. As gravuras surgem muitos anos depois dos cortes, dos machucados, e essas marcas são memórias corpóreas, infelizmente fazem parte das memórias de muitas pessoas, inclusive as minhas. "Não se trataria, portanto, dos corpos nas obras, mas do corpo da obra e o corpo do artista como objeto de reivindicação" (CAUQUELIN, 2008, p. 60), partir dessa série busco levantar questionamentos das memórias corpóreas, corpo mutilado, machucado e desvalorizado, e principalmente da depressão. Conversamos sobre o vazio, um vazio físico, mas e os vazios não-físicos? "De outro modo, os vazios não-físicos residem nos temas incômodos, ou seja, na incapacidade e proibição de falar sobre guerra, sexo, religião e suas moralizações, sobre a discriminação ou até das histórias não conhecidas" (ZELA, 2015, p. 256). Ampliaria colocando inúmeras outras temáticas que não são abordadas e são extremamente necessárias, acredito que não abordarmos esses assuntos, não seja a melhor maneira de refletirmos e repensarmos sobre eles. Em contraponto venho por meio da *Fenda* também refletir sobre as memórias e suas inúmeras manifestações, sendo elas agradáveis ou não, buscando ressignificar nossos olhares. Alice, aguardo você na próxima carta e espero que você goste da *Fenda* e não se entristeça como ela surgiu, o importante é como ela se foi.

Criciúma, outono de 2014

Carta: Devaneios

Cara Alice, hoje amanheci mais cedo que os dias anteriores. Fui agraciada com o céu e sua luz que adentrou pelas venezianas de meu quarto, tocaram meu corpo e minha alma. Você precisava ter sentido esse momento, eu a senti, eu a vi, e pude tocá-la com as pontinhas dos dedos de meu coração. Você sabe o sentir? O sentir não voltado ao sentimento, mas voltado ao sensível! Então, ele sempre foi à engrenagem de minha vida, e em muitas vezes me questioneei se ele, o próprio, não seria a minha ruína. É triste pensar em nosso fim, mas Alice eu pensei e procurei uma resposta, mas não a encontrei. Penso que talvez não exista uma, e se existir não quero conhecer. Peço ao universo, que essa engrenagem em mim possa continuar me movendo. Sentir, lembrar, compartilhar, lembrar, sentir, compartilhar. Eu quero lembrar, quero sentir e quero compartilhar com você. Que minhas palavras, o meu sentir e minhas memórias possam tocá-la, em seu coração. Alice, promete me ouvir? Mesmo em dias como esse, de desespero? Independente de sua resposta eu prometo senti-la. Sabe as memórias? O que acontece com elas quando são guardadas em uma gaveta empoeirada? Elas definham? Será que guardar é egoísmo? Ou medo? O que são memórias? Objetos? Pessoas? O aqui? O agora? Será que somos memórias de alguém? Será que somos memórias de nós mesmos? O que é ter uma memória? O que fazem disso ou aquilo, ou aquele ou isso ser memória? Porque a memória me atrai? Me instiga? Porque? Porquês? Por mim? Ou por nós? O que move as pessoas? Porque eu me preocupo? Porque eu me importo com o cheiro que tem uma grama cortada, ou um perfume? Porque eu me importo com os sons, barulhos e ruídos da cidade, dos passarinhos? Porque me importo com os objetos, e suas simbologias? Porque eu me importo com as ranhuras,

rachaduras e fissuras provocadas pelo tempo? Talvez eu não encontre respostas a todos esses questionamentos, mas, Alice, vamos conversar, quero ouvi-la! Mesmo sem palavras ou falas, quero ouvi-la, quero senti-la.

Carta: Flo(c)rescer

Alice, você recebeu uma carta minha em branco? Se não recebeu, vais receber, peço que não se assuste, não foi engano e longe de ser algum erro no envio. Naquela carta compartilho o vazio e a ausência, que materializei em forma de carta, aquela pausa que dei é diferente desta carta que lhe escrevo hoje. Aqui compartilho um outro vazio, um vazio cheio de memórias. Escrevo-lhe para confessar que fui até a EM453, foi uma hora de caminhada da minha atual residência, saímos às 09h30 e chegamos às 10h30. Carros, motos e bicicletas passaram por nós e a cada passo me aproximava mais desse lugar. Sim, nós! Meus pais foram comigo. Hoje foi o dia em que encarei minhas lembranças que tanto venho lhe contando. Ao chegar na casa e entrar no terreno senti meu coração disparar e um aperto no peito, gerando um certo desconforto de início. Fui até aquele lugar de memória para o realizar da minha produção artística, que trago como referência Didonet Thomaz que possui a *Coleção Silêncio Pitagórico: Ruínas, Teoremas e Terras*, que realizou de 2007 a 2015, envio um cartão postal (n.º 24) que compartilha algumas das produções de Didonet, onde a artista realiza fotografias de lugares, corpos abandonados, largados ao seu próprio destino, lugares de memórias que estão em total abandono e descaso. Como Thomaz fui até um lugar de memória, o nosso lugar. Comecei fotografando com o celular moto G3 pelo exterior da casa, assim o meu coração ia sentindo aquele lugar, aquela ausência e presença do vazio. “[...] o canhão da câmera foi introduzido na decomposição generalizada com a esperança de capturar elementos significantes ao olho e ao olhar no subterrâneo, onde a vegetação brotou com pouca dignidade e preencheu buracos com evidências expressivas para a abrangência da

experiência artística que se juntou ao universo focado que merecia ser lido e compreendido no aglomerado dos seus aspectos" (THOMAZ, 2014, p. 87). Depois de alguns minutos naquele ambiente, os olhos de minha mãe se encherem de lágrimas, sabe o que eu senti ao ver isto? Senti que não estava sozinha, ela, eles, vocês sentem esse lugar, sentem essas memórias, assim como eu. Eu me contive, tentei ser forte. Questionaram se eu iria entrar na casa, olhei para eles e disse que sim, que iria entrar, e continuei falando que eles não precisavam entrar. Como comentei em uma carta a você, "*Precisamos nos ad(entrar)*"! Assim fiz, me adentrei, entrei em minhas memórias, e adivinha! Meus pais entraram comigo, ficaram ao meu lado. Dei continuidade às fotos e ao abrir a porta da frente, a tristeza me recebeu. Faziam seis anos da morte de Alice e desde então só entrei uma vez em sua casa. Fui forte, deveria ser né? Não por mim, mas por vocês e pela arte. À medida que olhava o ambiente pela tela do celular e registrava os detalhes que ia gravando nas fotos, um filme passava em minha mente. Fui até o porão e ao descer as escadas uma angústia tomou conta de mim, sabes porque? Porque era ali que fui acolhida por anos! Eram nossos quartos, nossa sala e banheiro, depois passou a ser nossa cozinha, sala e banheiro, ao tocar a parede daquele lugar de um lugar que foi sala, vi um escrito nela onde dizia "Para sempre Alice". Sim estava escrito com "n" em vez de "m"! No postal (nº 25) mostra esse escrito. Não me lembro de ter escrito isso, mas reconheci a letra na hora em que vi, era a minha. Sei que o objetivo daquele escrito no momento de sua execução foi anotar o nome do livro de Lisa Genova "Para Sempre Alice", onde a protagonista vai perdendo sua memória, devido ao Alzheimer. Mas hoje o escrito ganha um novo sentido e peso nesse caminhar dessa pesquisa e em minha vida, um sentido extremamente sensível. Deixando-me impregnar, e viver a

experiência daquele lugar e suas inúmeras relações, continuei a fotografar, e a sujeira, a poeira estavam por todo lugar, as paredes mofadas, água acumulada devido às infiltrações, aquele piso de madeira que era encerado e cuidado com muito carinho estava apodrecendo, o abandono era nítido e dolorido. **Alice**, eu contive as lágrimas, mas ao chegar em casa, passar as fotos para o notebook e olhar cada uma delas, aquelas mais de 150 fotos, desabei. No entre lágrimas e fotos me deparei com a dificuldade de escolher 30 fotos, todas para mim possuíam uma potência, mas o fiz, escolhi as fotos e em seguida as editei colocando-as em tons escuros, retratando a ausência de cor, o vazio que aquele lugar se encontrava, mas ao mesmo tempo era carregado de memórias. Envio a você o postal (n° 26) dessas fotos, essas fotos que compartilham um vazio, compartilham memórias, fazem parte de uma produção que conta com um conjunto: Uma caixa/mala, esta que utilizamos nessa viagem que fizemos juntas, ela se abre e se transforma também em um expositor. Dentro dela estão nossas cartas, e inclusive esta que lhe escrevo hoje, todas digitadas em máquina de escrever. Abriga também os cartões postais trocados durante nossas conversas, minhas fotos realizadas na EM453 em formato Polaroid, e nesse conjunto de experiências, compartilho também nessa caixa/mala meu inventário de água da chuva, intitulado *XII gotas* que se encontra incompleto, com apenas seis meses de coleta, assim como essas cartas que vão se completando a partir do olhar do outro, pois se trata de um constante processo de construção e reconstrução. **Alice** lembra das ervas que coletavas? Dos chás e receitas que você e eu construíamos? Eu me recordo do Sarajá, aquele que passávamos em machucados. Lembro que ardia muito passá-lo! Eu tenho uma receita dele escrita pelas mãos de *Alice*, vou enviar também uma cópia no postal (n° 27), para recordares e se quiseres,

fazê-la. Nesta caixa/mala compartilho em um vidrinho algumas dessas ervas que são parte das memórias dos dias em que Alice e eu fazíamos litros e litros do Sarajá, para distribuir às pessoas que desejavam. Alice sempre possuiu um coração puro, sempre ajudava as pessoas, era confeccionando cobertas, montando cestas de alimentos ou mesmo construindo brinquedos para as crianças. Eu fiz parte dessas ações e essas experiências ao lado dela, foram elas que me construíram no que sou hoje. Essa produção que realizo, essa caixa ou mala. Prefiro chamar de caixa/mala, compartilho com você, onde memórias borbulham em suas múltiplas manifestações: Seja no postal, nas fotos, nas águas, nessas palavras digitadas em nossas cartas ou nas ervas e seus cheiros. Esse borbulhar faz e faz-me transbordar. Quero convidar você, para vir conhecer minha produção *Entre Vazios e memórias* que realizei ao longo desses anos de viagem que trilhamos. Mas **Alice**, quero lembrar a você que esta produção se completa a partir de você, das suas contribuições, a partir do seu olhar que vais percorrer, talvez junto a mim, talvez sozinha. Espero que tenhas gostado da minha, ou melhor nossa produção em arte, aguardo cheia de carinho pelo seu compartilhar de escritos e de memórias, essas que não possuo acesso. Vamos compartilhar o florescer, os frutos!

Criciúma, outono de 2017

Carta: Começo

Alice, inicio escrevendo-lhe quando a luz do sol já não se encontra mais no céu, e ao olhar essa transformação, do dia para a noite, me ponho a pensar sobre o tempo e sobre a produção artística que compartilhei (ou vou compartilhar) com você, que é a caixa/mala. Mas não só ela, pois estas cartas que lhe envio também fazem parte de minha produção, inclusive esta. Durante esse caminhar de minha pesquisa, identifiquei e apresentei-lhe artistas que trouxeram a memória e o vazio, assim como eu, em suas produções, valorizando a memória em suas múltiplas formas de manifestação. Ao viajar entre cartas e memórias compartilhei com você experiências que construímos durante essa pesquisa narrativa, contando e reconstruindo a nossa história. Todo esse percurso faz parte da minha produção artística e fará de minhas memórias também, que se encontram em um eterno processo de construção e reconstrução, assim como eu: Alice e artista/pesquisadora, pois se trata de uma pesquisa viva, que se constrói a partir das experiências e vivências em arte. Esse exercício que se abriu e me abriu para o outro. Esse exercício de pesquisa foi extremamente desafiador e ao mesmo tempo dolorido, não por ser algo ruim, mas por eu estar me revisitando constantemente. A partir do problema que surgiu assim que comecei a pensar a memórias e suas relações com a arte: *As minhas memórias: memórias individuais e coletivas podem ser reconhecidas como potencialidades para a criação em arte?* Construí um caminhar que não possui respostas, mas permite reflexões, possibilitando a você **Alice** um criar de respostas, e/ou mais questionamentos. Hoje reconheço que esse caminhar não faz somente parte de uma pesquisa para um Trabalho de Conclusão de Curso, ela extrapola, transborda

de um eu, que não é narcisismo, é um eu: você leitor, você memória, você lugar, e no último do último eu, eu: *Alice* avó eu *Alice* artista em formação. Junto a essa pesquisa reconheci que as memórias em suas múltiplas formas, possui potência para o criar em arte, e que os artistas ao abordarem essas temáticas, promovem um diálogo: *Um eu em mim. Alice, Alice e Alice*, agradeço esses momentos em que segurasse as minhas mãos caminhando junto a mim, não me permitindo cair em nenhum buraco nas vezes em que desejei, e nas outras que não percebi que tinha no meio do percurso. Agradeço aos caminhos outros que me permitisse desviar e seguir. Hoje me despeço não como nas outras cartas que vai receber, ou recebesse. Me despeço entregando a você, além do meu carinho e minhas memórias, a minha saudade que podem ou não significar algo para você, mas para mim significam muito. Não sei quando iremos nos encontrar, e se iremos nos encontrar. Mas calma! Não é um adeus, é apenas um até mais, um até outro momento, um outro cruzar de memórias. Não sei se posso desejar algo, mas se eu puder, gostaria de pedir duas coisas: primeiro: que você não permita que suas memórias se percam no ar, mas que elas possam acolher outras pessoas, outras memórias, que venham florescer, dar frutos, pois do que valerão se só ficarem trancadas em uma gavetinha empoeirada? Segundo: que venhas um dia compartilhar uma memória, pois gostaria de reencontrá-la e conhecê-la mais e melhor, e aposto que outras pessoas também. Agora devo ir, pois o dia está quase amanhecendo, me despeço de você agradecendo por tudo, pelo compartilhar e partilhar de memórias, que sentimos, refletimos e criamos raízes que hoje floresceram e sem dúvida dão e darão frutos.

Criciúma, inverno de 2018

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Brasil. A memória das coisas. In: HOLTZ, Raul (org.) **Catálogo geral**. Porto Alegre: MARGS, 2013. p.15.
- CANTON, Katia. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção temas da arte contemporânea).
- _____. **Tempo e Memória**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção temas da arte contemporânea).
- CAUQUELIN, Anne. **Frequentar os incorporais**: contribuição a uma teoria da arte contemporânea. São Paulo: Martins, 2008. (Coleção Todas as Artes)
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 7.ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.
- HARRISON, Hazel. **O grande livro da aquarela**: guia completo das técnicas de aquarela, guache e tinta acrílica, com temas para exercícios. São Paulo: Companhia Melhorando, 1996.
- HERNÁNDEZ, Rosa Maria Torres. Olhar e experiência estética na escrita de si. In: MARTINS, R. et al. **Pesquisa narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 187-207.
- JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias Urbanas: A memória da cidade no corpo. In: VELLOSO, M. et al. **Corpo**: identidades, memórias e subjetividade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 129- 139.
- LEITE, Maria Isabel. **Museu**: Espaço Impulsionador de Reconfigurações Identitárias Docentes. Scielo, Campinas, v. 32, n. 88, p.335-350, set. 2012. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v32n88/a06v32n88.pdf>>.

Acesso em 28.05.2018.

PASTORAL DA CRIANÇA. Dra Zilda: vida plena para todas as crianças. Curitiba: Museu da Vida, 2014. 158 p.

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MAKOWIECKY, Sandra. Lela Martorano e os vestígios da memória. In: MAKOWIECKY, S. et al. **Fragmentos - Construção II**: imagem-acontecimento. Florianópolis: COAN, 2013. p. 46-58).

MEDEIROS, Aline Ferreira. **Vestígios de memórias**: o Museu da Infância e as oficinas do projeto de extensão no CRAS. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Artes Visuais - Licenciatura). Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Criciúma, SC. 2014. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/4650>.

MUSSOI, Aniely Cristina. A diversidade do nada: os problemas do vazio na arte. In: **Anais do 26º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas**. Campinas: Anpap, 2017. p.3164-3176.

PROUST, Marcel. **À sombra das raparigas em flor**. 5 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1981. v.2. (Coleção em busca do tempo perdido)

ROUCHOU, Joëlle. Memória do Olfato: O cheiro de jasmim. In: VELLOSO, M. et al. **Corpo**: identidades, memórias e subjetividade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 117- 128.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Pesquisa Narrativa: Outras formas de conhecer. In: SOUZA, C. et al. **Pesquisa Narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 09-12.

TAVARES, Márcio. História, Memória e Identidade: Como fazer um Museu. **In: TE S]XOH.** Rio Grande do Sul: Museu de Arte do Rio Grande do Sul, v. 1, jun. 2013. P. 25-28.

THOMAZ, Didonet. Documentos poéticos contemporâneos. Pós: Belo Horizonte, v. 4.n. 8, p. 82-101, nov. 2014. Disponível em:

<<https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/viewFile/207/125>>. Acesso em: 8 de maio de 2018.

ZAVADIL, ANA. **Entre:** Curadoria A-Z. Porto Alegre, 2013.

ZELA, Verónica. O vazio: Espaço pedagógico de subversão. **In: GALLEGOS, C. et al. Possibilidades do impossível: arte, educação, diálogos e contextos.** Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2015. p. 253-262.

APÊNDICE - POSTAIS

Postal nº01



Inventário para Terras (2014), Odete Calderan

Postal nº02



XII gotas (2018), Alice Meis

Postal n°03



XII gotas (2018), Alice Meis

Postal n°04



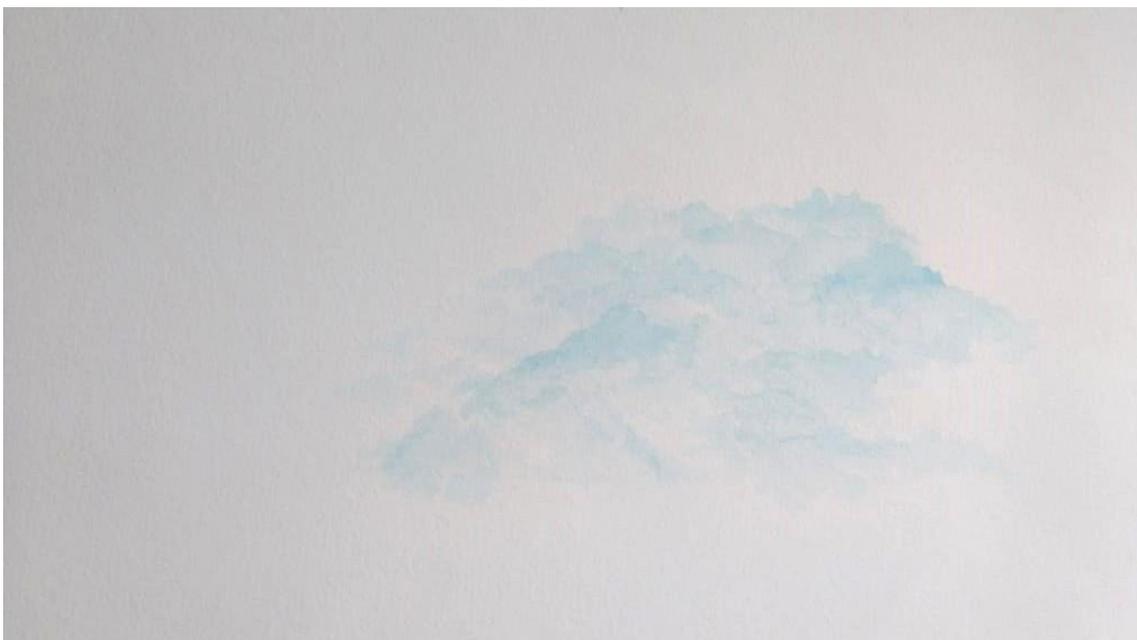
Janela azul (2010), Kelly Wendt

Postal nº05



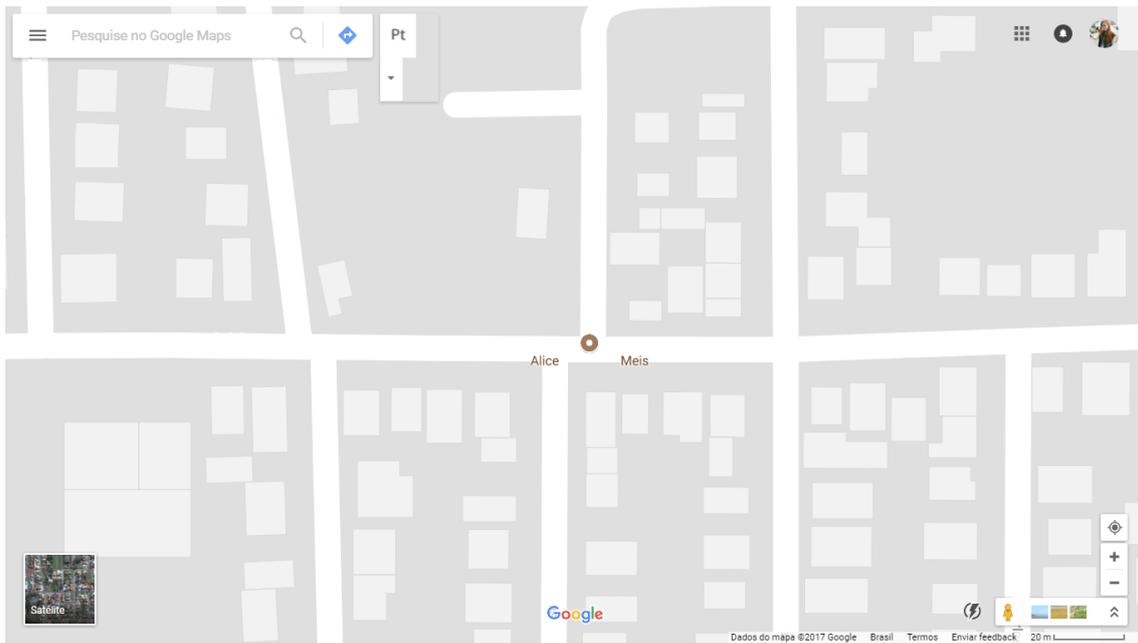
Memórias de Céus (2017), Alice Meis

Postal nº06



Memórias de Céus (2017), Alice Meis

Postal n°07



Mapa aéreo da EM453 (2017), Alice Meis

Postal n°08



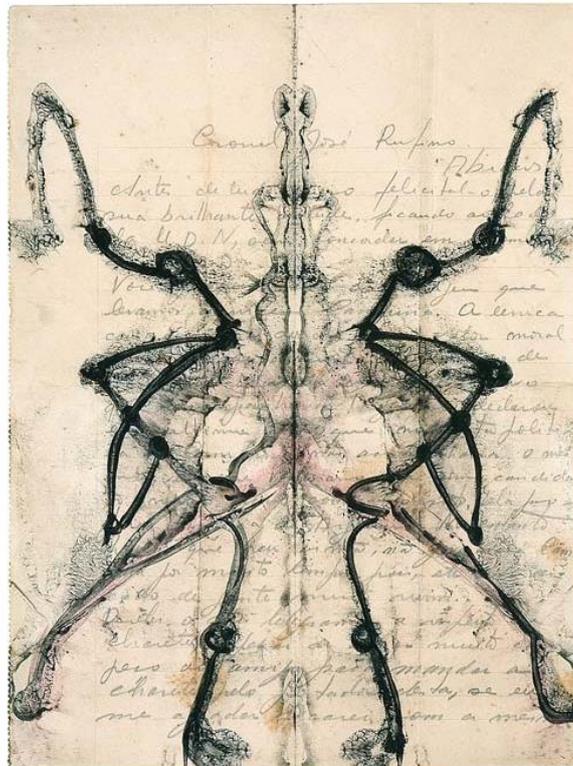
Da memória e seus lapsos (2000), Lela Martorano

Postal nº09



Da memória e seus lapsos (2000), Lela Martorano

Postal nº10



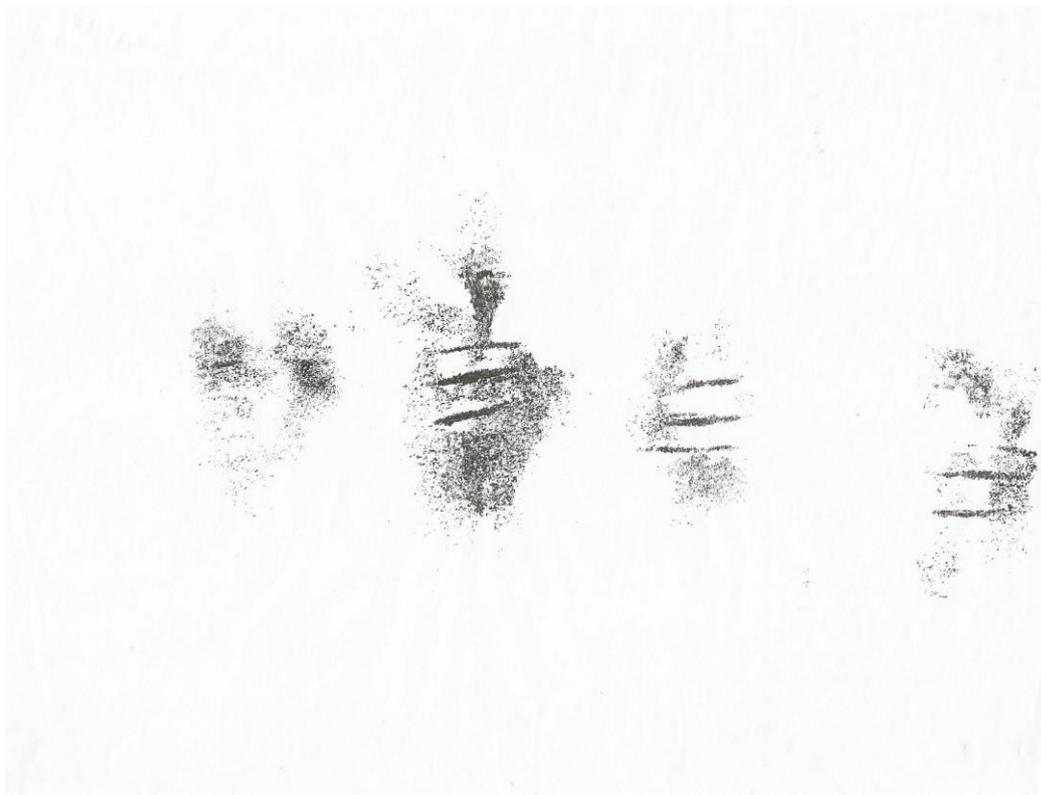
Cartas de areia (1999), José Rufino

Postal nº11



Bienal do Vazio (2008), 28ª Bienal de São Paulo

Postal nº12



Fenda (2017), Alice Meis

Postal n°13



Fenda (2017), Alice Meis

Postal n°14



Fenda (2017), Alice Meis

Postal n°15



Fenda (2017), Alice Meis

Postal n°16



Fenda (2017), Alice Meis

Postal n°17



Fenda (2017), Alice Meis

Postal n°18



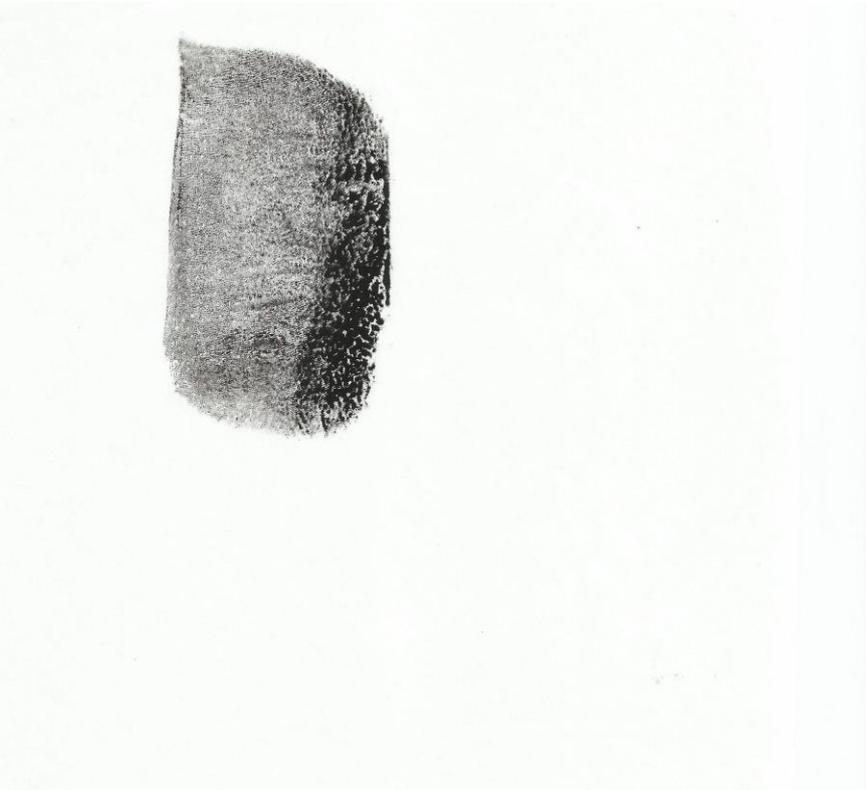
Fenda (2017), Alice Meis

Postal n°19



Fenda (2017), Alice Meis

Postal n°20



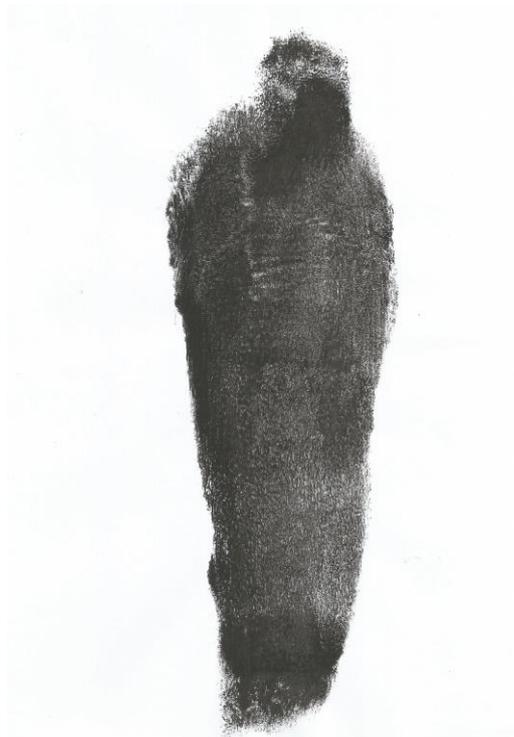
Fenda (2017), Alice Meis

Postal n°21



Fenda (2017), Alice Meis

Postal n°22



Fenda (2017), Alice Meis

Postal nº23



Fenda (2017), Alice Meis

Postal nº24



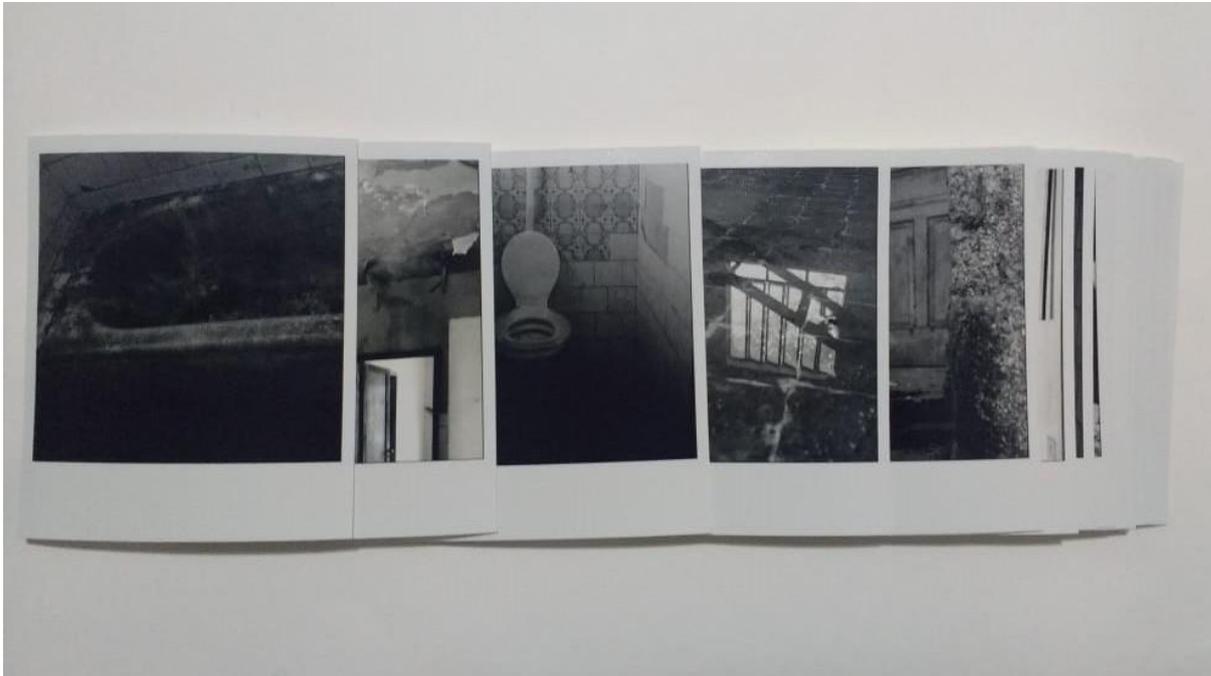
Coleção Silêncio Pitagórico: Ruínas, Teoremas e Terras (2007 a 2015), Didonet Thomaz

Postal nº25



"Para sempre Alice" (2018), Alice Meis

Postal nº26



Entre vazios e memórias (2018), Alice Meis

juçã
boraco batata
caroba.
Cernica
sal grosso
no de pinho
Alho 1 dente
salsa ~~parutua~~
alcofem
mentras
confrei
ganchuna
Cocalizito fino
ou e lima
Tansagem
nestezia
lastreia
mentras
Alcool

SARAJA
do
vo

Receita de Alice (2018), Alice Meis

APÊNDICE - ENTRE VAZIOS E MEMÓRIAS

Exposição na Sala Edi Balod - UNESC - Criciúma/SC





Criciúma, inverno de 2018